

ENCONTRO REÚNE ADOLESCENTES DOS SERVIÇOS DE CONVIVÊNCIA DA PAULUS E OUTROS TRÊS CENTROS DE ATENDIMENTO DA CIDADE DE SÃO PAULO

Por Alberto Nascimento

O primeiro Encontro Social de Adolescentes e Jovens do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) ocorreu no ano de 2018, no Centro de Atendimento à Criança e ao Adolescente PAULUS. Conforme relata Maria do Socorro, Coordenadora Pedagógica dos Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da PAULUS, a ideia do evento germinou a partir dos debates ocorridos durante os percursos formativos elaborados naquele ano. “A ideia surgiu a partir dos livros do Programa Direito e Cidadania *Conectados*, de Niccholy V. Marques, e *Mais um prato para Pedrinho*, de Carlos Ferrari, durante um momento de grande discussão no CCA PAULUS. Quando percebemos o forte envolvimento dos adolescentes, conversamos em equipe sobre a possibilidade de abrir essa discussão, levando-a para outros SCFV e promovendo um grande debate entre todos. Foi o percurso desses livros que estimulou tudo isso”. Ela complementa: “O primeiro encontro, ano passado, deu muito certo, com grande envolvimento, então decidimos fazer um segundo em busca de novos resultados”.

Agora, em 2019, o evento ganhou sua segunda edição. Além dos adolescentes do CCA PAULUS, também estiveram presentes os Serviços dos Centros de Atendimento à Criança e ao Adolescente CCA Formando Cidadãos (Vila Mariana) e De Olho no Futuro (Osasco/SP), ambos mantidos pela PAULUS, além do Centro de Juventude Tijolinho, Centro de Juventude Coração Materno e Associação Cultural Desportiva Bandeirantes, entidades que colaboraram com a articulação estratégica do evento no território.



Luciano Costa faz sua fala inicial durante o II Encontro Social de Adolescentes e Jovens do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.

Foto: Arquivo PAULUS.

Fabiano Bueno, Supervisor do CCA PAULUS, explica como se deu essa articulação com a rede local: “O convite foi elaborado com foco em parcerias já estabelecidas. É uma ideia de reforço e manutenção dessas parcerias já construídas. Esse contato com a rede e com as entidades do território é sempre fortalecida cotidianamente, mas situações como essa reforçam esse vínculo”.

“O evento deste ano surgiu a partir do percurso do livro *Democracia*, de Fernanda Campana, que tem sido desenvolvido no CCA, com grande envolvimento dos adolescentes, com o objetivo de que eles se apropriem cada vez mais da atividade e enxerguem o serviço como um espaço de comunicação, de troca e de reflexão sobre direitos e deveres. A ideia era entender como é esse processo de democracia representativa dentro da sociedade. Eles se interessaram bastante pelo percurso e por como ele demonstrou o funcionamento de todas as instâncias da federação. Conforme iam se envolvendo

– como, por exemplo, quando participaram da Pré-Conferência Regional de Assistência Social, à qual levamos alguns dos adolescentes –, foram se aproximando cada vez mais do tema”, explica Fabiano.

O II Encontro Social de Adolescentes foi planejado a partir do tema Democracia e Cidadania, com debates orientados por três eixos: “O que a tecnologia tem a ver com democracia” (apresentado por Fernando Mariano, coordenador do curso de Rádio, TV e Internet na FAPCOM), “Comunicação não violenta e direitos humanos” (apresentado por Luciano Costa, psicanalista e formador da PAULUS) e “Democracia participativa: é possível?” (por Fabiano da Silva, assistente social representante do CRAS – Freguesia do Ó). Conforme ilustra Maria do Socorro, os temas foram propostos pelos próprios adolescentes, seguindo a premissa de representatividade que também orientou o evento.

“A gente tentou captar esses temas a partir das demandas levantadas pelos adolescentes. Cada eixo surgiu de um dos SCFV da PAULUS: o de tecnologia veio do De Olho no Futuro, que tem um leque de atuações muito próximo do tema e uma equipe interessada no assunto. A participação social veio do Formando Cidadãos, que foi estimulada durante o percurso com a educadora Anne. Aqui, no CCA PAULUS, surgiu

a comunicação não violenta e direitos humanos, também a partir de um encontro que realizamos aqui”, diz.

O evento ocorreu em dois momentos; após as falas iniciais, os adolescentes se dividiram em três grandes grupos para debater os temas e pontuar suas particularidades essenciais. Durante a tarde, os resultados dos Grupos de Trabalho foram apresentados e debatidos em plenária com todos os presentes.

Fernando Mariano, que fez a apresentação sobre o tema da tecnologia e foi um dos mediadores do grupo de trabalho, relata um pouco da experiência. “A gente está trabalhando a questão da tecnologia ligada à democracia, com foco na parte de redes sociais. A principal mensagem é o cuidado com a checagem de informações que a gente recebe e retransmite, além de cuidados em relação ao que se produz e se veicula na internet, como a questão das imagens, das notícias, do direito ao esquecimento (por exemplo, se eu publico uma opinião, até quando essa opinião vai ser acessada? Como isso pode causar problemas no futuro?). Desdobramos a questão das imagens, por exemplo, com uma conversa a respeito do *cyberbullying*. E abordamos ainda outros tópicos, como a violência no trato da opinião e do confronto de ideias. Fizemos um debate bem rico nesse sentido.”



Grupo de Trabalho com adolescentes debatendo comunicação não violenta.

Foto: Arquivo PAULUS.



Foto: Apresentação artística ocorrida durante o II Encontro Social de Adolescentes e Jovens do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.

Este último tópico também esteve presente em outro grupo de trabalho, o voltado para a comunicação não violenta, que foi mediado por Luciano Costa. “É um baita desafio colocar essas coisas juntas neste momento social e político, em que a voz das pessoas está muito suprimida e a crença de que isso é valioso também está suprimida”, aponta. O psicanalista explica um pouco sua metodologia para orientar o debate: “O que encontrei como alternativa, a partir das referências teóricas da comunicação não violenta, é encarar o conflito como um elemento poderoso: ele é visto pelo senso comum como algo a ser rechaçado, mas, na verdade, é no conflito que se encontram as possibilidades; o conflito precisa ser ouvido. Ele fala das partes que estão em choque, então a minha estratégia foi colocar o conflito como foco e desconstruir essa perspectiva sobre ele como uma tentativa de criar outros caminhos para a situação que temos atualmente. E como a ideia de conflito é distante, uso como ferramenta a pergunta. A pergunta é uma forma de ouvir o conflito, pois ela sai do lugar da verdade e se coloca no lugar de quem não sabe”.

A relevância de um espaço de debate como esse é reforçada por Fernando: “Esses adolescentes estão em um momento da vida em que não sabem ao certo como se relacionar com o mundo: é uma fase na qual eles têm dificuldade de perceber os próprios limites e entender os problemas que esses limites (ou a falta deles) podem causar. É importante motivar um debate no qual eles percebam que não existe ‘só o que eu penso, só o que eu publico, só o meu ponto de vista’; o público pode receber (o nosso posicionamento) de uma maneira diferente e isso também pode afetar outras pessoas de uma forma diferente daquela que imaginamos”. Luciano completa, sinalizando os resultados do Grupo de Trabalho que mediou: “É interessante observar como eles estão falando o que estão sentindo, e o primeiro passo para uma boa pergunta é o que eu sinto, pois isso é

o que me humaniza. Quando entendo o que sinto, ou reconheço que sinto algo, minha humanidade vem à tona, e isso reverbera em todas as outras pessoas”, conclui.

Fabiano reforça o impacto do encontro na percepção social dos adolescentes. “Um evento como esse amplia a proposta do CCA de ser um ambiente de debates, de reflexão, de participação, de compreensão da ideia de que eles são protagonistas do meio em que vivem e podem buscar mudanças a partir deste conhecimento dos seus direitos, bem como ampliar a percepção da necessidade, da importância e responsabilidade do governo de assegurar esses direitos.”

Por fim, Maria do Socorro faz um balanço dos resultados desse grande encontro. “O envolvimento deles foi surpreendente. Nós temos adolescentes aqui no serviço que são extremamente tímidos e na plenária falaram com grande desenvoltura. A receptividade para com os adolescentes de outro serviço também foi muito boa: desde que chegaram já foi revelada uma grande acolhida. Isso a gente lê como pertencimento. É bonito ver isso, esse pertencimento e essa participação; mostra como eles se sentem parte de cada atendimento. Esse, para mim, é o principal resultado.”



Adolescentes compartilham em plenária as pontuações levantadas pelo Grupo de Trabalho sobre comunicação não violenta.